

O QUARTO ALEMÃO



O quarto alemão

CARLA MALIANDI

Romance

*Tradução de
Sérgio Karam*







Um

I

Houve um tempo em que eu sabia o nome de todas as constelações. Foi meu pai quem me ensinou, explicando que este céu alemão lhe era totalmente estranho. Eu tinha uma obsessão com o céu, as estrelas e os aviões. Sabia que um avião tinha nos trazido a Heidelberg e que um avião nos levaria de volta ao lugar a que pertencíamos. Para mim os aviões tinham cara e personalidade. E implorava para que o que nos levasse de volta a Buenos Aires não fosse um daqueles que caem no meio do oceano matando todo mundo. Na noite anterior à viagem, à grande viagem de volta à Argentina, nossa casa da Keplerstrasse se encheu de filósofos. Jantamos no jardim porque a noite estava excepcionalmente límpida e clara. Entre os filósofos havia alguns latino-americanos, um chileno que tocava violão, um mexicano sério com o previsível bigode e Mario, um jovem estudante argentino que morava em nossa casa. Os latino-americanos se esforçavam para falar em alemão e os alemães respondiam amavelmente em espanhol. Meu pai discutia aos gritos com um filósofo de Frankfurt muito alto e totalmente careca. Em algum momento notaram que eu os olhava, assustada, e me explicaram que não estavam brigando, apenas discutindo a respeito de Nicolai Hartmann. Quando fiquei um pouco maior, tentei ler Hartmann para entender o que é que podia levá-los a discutir com tal paixão, mas não encontrei nada.

Agora eu devia dormir, mas não consigo, ainda estou tomada pelo nervosismo da viagem. Pela janela de meu novo quarto vejo um pedaço do céu de Heidelberg. Naquela noite, olhara para este mesmo céu durante um longo tempo, tratando de

aprendê-lo de cor, como se estivesse me despedindo de algo que devia reter na memória. Lembro que o filósofo chileno que tocava violão começou a cantar “Gracias a la vida”, de Violeta Parra, com uma voz rasgada, e que ao seu redor um grupo de alemães entusiasmados, solidários e bêbados cantava em coro, com uma entonação ridícula.

Quantas noites deste último mês terei passado sem dormir direito? Ontem, em Buenos Aires, tinha medo de não ouvir o táxi e acordava de tempos em tempos. Quando cheguei a Ezeiza, tive que tomar um café bem forte para terminar de acordar e enfrentar os pequenos trâmites de aeroporto. No avião, voltei a sentir essa vertigem do voo, mas não era medo de que o avião caísse, e sim o temor de chegar ao destino sã e salva e não saber o que fazer, nem para quê. Terminar a vida neste avião talvez tivesse sido menos problemático do que chegar à Alemanha assim, sem ter avisado ninguém em Buenos Aires. Morrer em pleno voo talvez tivesse sido menos aterrorizante do que chegar trazida por um impulso, sem dinheiro suficiente, numa tentativa desesperada de encontrar tranquilidade. E uma felicidade passada, perdida e enterrada para sempre com a morte de meu pai. Essas coisas não se fazem assim, mas assim as fiz e aqui estou. Amanhã vou procurar um telefone e ligar para Buenos Aires, e vou explicar tudo do jeito que puder.

Creio que neste lugar, nesta cama, vou poder dormir bem. O quarto é mais bonito do que tinha visto na Internet, e também gostei do que a gerente acabou de me mostrar – o refeitório, a cozinha e toda a parte de baixo da residência. Deve ser mesmo um bom lugar para os estudantes, mas eu não vou estudar nada. Vou tratar de dormir, vou tratar de ficar bem, e vou procurar na Markplatz um banco em que possa me sentar para pensar tranquilamente e comer um *pretzel*.

II

Sonho que acordo num beliche dentro de algo parecido com um curral para humanos. Ao meu lado dorme um menino de uns três anos. Eu o acordo para perguntar onde estamos, mas o menino não sabe falar. Digo-lhe que temos que sair dali. Eu o levanto e começo a caminhar. Estou vestida com a roupa que usei na viagem, um pulôver cinza e jeans, mas estou sem sapatos. O menino está enrolado num lençol e me pesa muito. Atravessamos um pavilhão enorme e nos arrastamos por baixo da cerca de arame farpado que o rodeia. Saímos num campo. Há vacas e o solo está coberto por uma neblina. Há um sujeito deitado debaixo de uma das vacas, ordenhando-a. Mal consigo vê-lo, é grande e parece um tirolês. Quando passamos a seu lado, oferece-nos um copo de leite. Pego o copo e passo-o para o menino. O homem se irrita, diz que o leite era para mim. Discutimos, mas não nos entendemos, porque ele fala num dialeto muito estranho. De repente olha para os meus peitos, aponta para eles e entendo muito bem o que quer dizer: “Aí há leite suficiente para todos”. Me assusto e começo a correr levando o menino pela mão. Enquanto corremos ele se solta, eu volto a segurá-lo, ele volta a se soltar, eu volto a segurá-lo, ele volta a se soltar. Desperto.

A cama da residência é absolutamente confortável e meu quarto tem uma janela com vista para o jardim. A paisagem que vejo daqui é completamente diferente do campo devastado do sonho, e a residência supera todas minhas expectativas de falsa estudante.

Ontem à noite, Frau Wittmann, a gerente da residência, depois de anotar os meus dados e de me mostrar as instalações, me avisou que o café da manhã deve ser preparado até as nove e meia. Tenho que me levantar agora mesmo se não quiser perder o café. Ainda deitada, me lembro do sonho e toco meus peitos,

que estão visivelmente mais inchados do que o normal. Penso que não vai demorar muito para que eu fique menstruada, tomara que não tenha esquecido de trazer um analgésico. Levanto-me, mudo de roupa rapidamente, penteio-me apenas com os dedos e desço até o refeitório. Alguns estudantes esquentam o café e fazem torradas. Não entendo as regras, não sei se posso sair metendo a mão onde quiser ou se devo pedir permissão. Está claro que isso não é um hotel, que ninguém virá me servir o café da manhã. Agora entendo o que Frau Wittmann quis dizer com “preparar o café da manhã”. Vejo que cada um come algo diferente: alguns comem torrada, outros tomam iogurte; outros, frutas; outros, cereais. Tiram coisas de uma geladeira, movem-se de forma organizada, vejo também que as coisas têm etiquetas com nomes. Alguns fazem uma pequena fila diante da cafeteira, outros, sentados, conversam em voz baixa, outros mais solitários comem com seus notebooks abertos e não olham para ninguém. Sinto vergonha de estar ali de pé, um pouco confusa e meio despenteada. Decido sair e tomar café em um bar, mesmo que seja só hoje.

Heidelberg é um lugar de conto de fadas, irreal, uma das poucas cidades alemãs que não foram bombardeadas. Trato de reconhecer as ruas. Vivi aqui nos meus primeiros cinco anos de vida. Algumas coisas me são familiares: as padarias, as margens do Neckar, o odor das ruas. O dia está quente e brilhante. Caminho dentro do conto, respiro fundo, brinco de me perder entre as ruas e me encontrar outra vez. Entro num bar da Markplatz, peço um café da manhã com pães, frios, suco de laranja e café com leite. O garçom me pergunta de onde venho, me fala de futebol, sabe de cabeça os nomes de todos os jogadores da seleção argentina. Aproveito para praticar o alemão sem maiores exigências. Me dou conta de que tenho um problema, que já não entendo bem o idioma, que me esqueci, que as aulas

que fiz pela Internet antes de vir não foram suficientes, assim como a boa pronúncia que achei que me serviria. Enquanto o garçom me fala de Messi, planejo estratégias de comunicação. Posso falar em inglês se a coisa não funcionar. Sim, Messi é um gênio, acabo dizendo em espanhol. O garçom ri e vai atender outra mesa, e sai repetindo: “gênio”, “é um gênio”. Tomo o café vorazmente, não deixo sobrar nada. Um velho sentado na mesa ao lado me olha enviesado e vejo que junto a sua mesa há um pequeno cachorro. O velho o acaricia com uma mão e com a outra segura a taça de café. Calculo sua idade e me pergunto o que estaria fazendo na última guerra. Não importa, mesmo que tivesse sido um velho nazista não lhe resta muito tempo de vida pela frente. De repente, o homem sorri para mim. Talvez eu seja muito preconceituosa, ele parece um amável ancião que percebeu que não sou daqui. O que verão, de mim, aqueles que me veem aqui sentada? Penso em meu cabelo ao redor dos ombros, na fivela que coloquei esta manhã, presa de qualquer jeito, na linda camisa que visto, toda amassada. Acho tudo ridículo agora. Ridículos os adornos com que tento cobrir as ruínas. Está tudo quebrado, aonde quer que eu vá. E agora estou a milhares de quilômetros de meu país, sem saber falar direito, sem saber o que fazer.

Quando voltar a meu quarto na residência, vou pedir uma tesoura a Frau Wittmann e vou cortar o cabelo. Já tenho alguma coisa para fazer. Por que ainda não cortei o cabelo? O velho da mesa ao lado vai embora, para na calçada, volta-se para minha janela e me faz um gesto de despedida. É enternecedor vê-lo se afastar andando com seu cachorro. Separo as moedas com que vou pagar o café da manhã. São sete euros, isso é muitíssimo para meu orçamento de viajante. Pergunto-me se poderei fazer várias ligações com um par de moedas dessas. Se poderei tranquilizar minha mãe, que ainda se lamenta por minha separação

e agora, além de tudo, terá que suportar a ideia de que ficarei longe por um tempo. Se poderei me desculpar com as pessoas do trabalho, um trabalho que estive a ponto de perder por ter chegado tarde quase todos os dias no último mês. Se poderei discar o número daquela que foi minha casa até muito pouco tempo atrás. Ligar para Santiago depois de tantos dias sem nos falarmos e dizer: estou ligando da Alemanha, como vai? E ter uma única coisa em mente, um pedido a mim mesma, uma súplica a todos os deuses: que minha voz não se quebre.

III

Quando chego à residência, depois de caminhar o dia inteiro, já são oito horas e está escuro. Frau Wittmann me recebe à porta, diz que alguém espera por mim no refeitório. A impossível imagem de Santiago ali dentro, a absurda ideia de que tenha vindo me buscar, me deixa com o coração na boca. *Por mim? É mesmo?*, pergunto. É um estudante de seu país que quer falar com você, ela responde, sem me olhar. Sorrio resignada e agradeço. Antes de passar, peço a ela uma tesoura e Frau Wittmann diz que vai procurar uma no meio de suas coisas. Quando entro no refeitório, vejo, sentado, um rapaz moreno, desproporcionalmente grande e meio infantil. Está encurvado, lendo um livro de xadrez. Levanta a cabeça e seu rosto se ilumina ao me ver chegar, calculo que não tenha mais de vinte e cinco anos, diz que esteve esperando por mim toda a tarde. Nunca o vi na vida, mas ele age como se fôssemos parentes ou amigos da vida inteira. Me conta que é de Tucumán e que se chama Miguel Javier Sánchez. Que tem uma bolsa do CONICET e outra do DAAD,¹ que estuda economia política, que chegou faz

¹ CONICET: Consejo Nacional de Investigaciones y Técnicas, autarquia do governo argentino criada para promover o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no país; DAAD: Deutscher Akademischer Austauschdienst, organização alemã de intercâmbio acadêmico. [N. do T.]

uma semana e hoje ficou sabendo que há uma compatriota na residência. Me pergunta o que estou estudando. Minto, digo que estou fazendo um curso de pós-graduação em dramaturgia alemã. Frau Wittmann nos interrompe, me entrega a tesoura e pede que eu tenha cuidado. Agradeço a ela. Miguel Javier não para de falar, me conta de sua vida em Tucumán, de suas origens humildes, do orgulho que sua família sente dele, o único universitário, o prodígio. Me pergunta se quero acompanhá-lo numa visita ao castelo amanhã. Digo-lhe que sim, que é um passeio encantador e uma das lembranças mais lindas de minha infância. Ele se entusiasma, diz que levará sanduichinhos e uma máquina fotográfica que comprou com seu primeiro salário de bolsista. Seu entusiasmo me entenece um pouco, de repente diz: li que o castelo é lindo. Ele fala embolando as palavras, *liqueocasteloélindo*. Depois deixo de escutá-lo, ele fala e eu penso em como vou cortar o cabelo. Primeiro vou cortar as pontas e depois vou subindo com a tesoura até onde me animar. Se não ficar bom não importa, aqui ninguém me conhece. Miguel Javier é um nome horrível, cacofônico. O jeito com que ele se apresenta, com o nome assim, composto, maltrata um pouco o ouvido. Miguel Javier me pergunta em que estou pensando, diz que lhe pareço distraída. Respondo que foi um longo dia, que estou cansada, e me despeço para que nos encontremos na manhã seguinte no café da manhã.

Depois de tomar banho e cortar o cabelo, me sinto exausta. Caio morta de sono em minha cama de princesa exilada, minha cama de falsa estudante, minha cama de turista solitária, de refugiada. Estou a salvo. Não existe coisa melhor no mundo neste momento do que a solidão de meu quarto alugado, meu esconderijo europeu sem luxos, mas cheio de conforto, as sólidas persianas da janela, o edredom branco, o travesseiro impecável. Lembro do conto da princesa e a ervilha, a garota debaixo da qual

colocaram uma ervilha e sete colchões para que se comprovasse que tinha sangue azul. A coitada não dormiu a noite inteira. Mas eu sou uma falsa princesa e nada vai me tirar o sono. Começo a adormecer sem vozes que me angustiem, sem tremores, sem nada que me incomode, e me sinto uma vencedora: vim para a Alemanha para conseguir dormir sem interrupções. Cheiro os lençóis limpos, imagino que sou outra pessoa, alguém que só se importa com o que fará amanhã, o que irá comer no café da manhã, por quais ruas caminhará.

Desperto com batidas na porta. Por um instante penso que sonhei, mas voltam a bater e vejo que já é dia. Levanto-me e abro a porta, ainda de camisola. O tucumano está de pé à minha frente, fazendo um gesto entre feliz e reprovador: *já são oitomeia!*, diz.

Peço-lhe que me espere lá embaixo e que me dê tempo de trocar de roupa. Fecho a porta e me visto murmurando as respostas que não lhe dei: *Mas que cara é essa? Nunca mais bata na minha porta a essa hora, tucumano desorientado.*

Desço até o refeitório, o panorama estudantil é igual ao do dia anterior, exceto pelo fato de que agora tenho um conhecido no meio de todos os estudantes. Ali está ele, parado na fila da cafeteira; quando me vê descer, levanta a mão agitando uma colherinha e exclama: *aqui, aqui!*

Já sentados à mesa, o tucumano me explica que o café e o leite são fornecidos pela residência, mas que as outras coisas são compradas pelos estudantes, que as guardam etiquetadas na geladeira. Como não tenho nada para meu café da manhã, ele me oferece suas coisas e me avisa que o armazém fecha aos domingos e que eu deveria fazer minhas compras ao voltar de nosso passeio. Entre as coisas que me oferece há presunto, queijo fresco e doce de batata. Depois me mostra um *tupperware* com

uns sanduichinhos cheios de maionese e me diz que os preparou para nossa excursão, bem cedinho, enquanto eu dormia.

O castelo está situado na parte mais alta de Heidelberg e a caminhada da residência até lá dura uma hora. O tucumano vai na frente com sua câmera, e a cada dez passos se volta para comentar algo ou bater uma foto minha. Me olha pela tela da câmera e critica o corte de meu cabelo, diz que o cabelo comprido me caía muito melhor. Penso que não temos intimidade para fazer comentários desse tipo, mas a paisagem é muito bonita e ameniza qualquer mau humor que meu acompanhante possa provocar em mim. Na metade do caminho me sinto muito cansada e preciso parar. Miguel Javier brinca comigo por causa disso. Uma família de norte-americanos, que estava vários metros atrás de nós, nos alcança e pede que tiremos uma foto deles. São um casal de quarentões com três filhos, que devem ter entre cinco e doze anos. Posam para a foto como modelos. Quando devolvo a câmera, o filho menor me abraça. A mãe o puxa por um braço e seguem caminho. Lembro do sonho da noite em que cheguei, a mãozinha da criança que se soltava da minha enquanto corríamos, fugindo do sujeito que olhava para os meus peitos. O tucumano me olha e diz que estou pálida. Abre a mochila, tira o *tupperware* e me oferece um sanduíche. Digo-lhe que não quero, que não estou me sentindo bem, e vomito ao lado do caminho. O tucumano segura minha testa e, quando paro de vomitar, me dá água e um guardanapo para que possa me limpar. Ficamos sentados por algum tempo, em silêncio. Aqui de cima pode-se ver o rio atravessando a cidade, os telhados vermelhos, as cúpulas renascentistas. Aviso o tucumano que já estou me sentindo melhor e me levanto para continuar a caminhada. Para mim você está na doce espera, me diz, enquanto se põe de pé. *Na quê?*, pergunto, paralisada. Grávida, ele responde, e não volta a falar comigo pelo resto do caminho.

A entrada para o castelo custa dez euros, que pagamos resignados. Na porta pedem-nos para esperar pelo guia espanhol, dizem que o passeio começará em dez minutos. Miguel Javier não me olha nem fala comigo, até parece não me conhecer no meio do grupo de turistas. Rompo o silêncio.

– Como você sabe?

– O quê?

– Como sabe..., como pode se dar conta de que posso estar grávida?

O tucumano me olha com uma expressão diferente; seu rosto, que desde que o vi pela primeira vez me pareceu um pouco infantil, parece amadurecer de repente, como se ele fosse o portador de uma sabedoria ancestral.

– Tenho seis irmãs e quase vinte sobrinhos. Testemunhei a gravidez de todas elas e todos os seus sintomas, inclusive os mais particulares e estranhos. Sei do que se trata. E você, além do vômito, tem essa coisa no olhar.

– Que coisa?

– Essa coisa meio brilhante, meio bêbada.

– Você não me conhece, talvez eu seja assim sempre.

– Pode ser, mas, se eu fosse você, faria logo os exames e iria avisando o pai.

O guia se aproxima e pede a todos que fiquemos ao seu redor para começar o passeio.

IV

Espero mais três dias para fazer um teste de gravidez. Faço contas estúpidas: se julho tem trinta e um dias e agosto também, minha última menstruação deve ter sido... Não lembro. Não lembro quase nada do meu último mês como um casal, só tenho imagens das brigas, das frases que feriam, da luz apagada, do corpo de Santiago sobre o meu, sem nos olharmos,

demasiadamente tristes. Não lembro da data da minha última menstruação. Mas lembro como cheguei uma noite à casa de Leonardo e tomamos muita vodka e contei a ele que estava me separando, e como me pediu que ficasse para dormir com ele, e meu corpo em sua cama em cima do corpo dele, seus roncos na madrugada e minha vontade de sair correndo para algum lugar que fosse meu, uma casa minha, uma casa longe de tudo.

Faço um grande esforço para conseguir enxergar em minha memória manchas de sangue, toalhinhas, remédios para cólicas, mas não sei a que mês pertencem essas imagens. Fico com raiva de ter que recordar tantas coisas, vim para longe para descansar delas. Penso que ainda posso ficar menstruada. Nestes dias tenho dormido além da conta, perco o café da manhã, saio para caminhar ao meio-dia e volto para fazer uma sesta. Um dia me ponho a falar com uma japonesa da residência, ela é simpática, estuda filologia alemã, chama-se Shanice. Ela é quase minha única interlocutora nestes últimos tempos. Me dou conta de que também está escapando de algo, mas de forma organizada. Para um japonês, estudar na Alemanha é como ir a uma festa. Shanice, como a maioria dos estudantes da residência, é alguns anos mais jovem que eu. Uma tarde me conta como decidiu ir embora do Japão depois do suicídio de dois colegas da faculdade, e conta isso sorrindo: jogar-se nos trilhos é tão fácil, tão fácil, a gente pode fazer isso mesmo estando contente.

Miguel Javier levanta muito cedo e passa o dia inteiro na universidade, quase não nos encontramos mais. Espero três dias, e no terceiro dia continua o atraso. Não sei como pedir um teste de gravidez em alemão. Peço a Shanice que me ajude. Ela me escuta com muita concentração e encara a coisa como uma missão secreta que deve cumprir à perfeição.

Em pouco tempo está em meu quarto e me entrega uma caixa que comprou na farmácia. Lemos juntas as instruções

em três idiomas: fazer xixi no potinho, colocar a fitinha reativa dentro dele, esperar três minutos. Se aparecer uma linha só, é negativo; se aparecerem duas, positivo. Pronto, é simples. Agradeço a Shanice, mas ela não vai embora. Fica me olhando, esperando que eu entre no banheiro e lhe anuncie o resultado. Junto coragem e peço a ela que me deixe sozinha. Ela diz que não, que não vai me deixar sozinha num momento como esse. Está de pé como um soldado nipônico e eu me sinto em dívida com ela e sem forças para lhe explicar coisa alguma. Entro no banheiro com a caixa do teste. Sigo todas as instruções: faço xixi no potinho, apoio-o no chão e ponho a fitinha dentro. Espero os três minutos indicados. Trato de me distrair com o espelho. Minha cara está cada dia mais parecida com a de minha mãe. Ela estava grávida de mim quando chegaram a esta cidade, e não sabia. Terão festejado ao descobrir? Meu pai terá saído para comprar pão, salsichas, vinho? Terão brindado? Terão ficado acordados até a madrugada fazendo planos, pensando em ligar para a família e dar a notícia? Terão rido?

Me agacho para ver mais de perto o que acabo de ver de pé. Há duas linhas fortes e definidas, viro a fitinha, sacudo-a, volto a olhar para ela e as duas linhas continuam ali. Lavo as mãos e saio do banheiro. Shanice está sentada na beira da minha cama e me olha, expectante. Digo-lhe a verdade: deu positivo, já vou pensar no que fazer. E peço-lhe duas coisas encarecidamente: que não conte a ninguém e que, por favor, saia. Shanice me abraça antes de sair e me deixa só. Fecho a porta com a tranca e dou algumas voltas pelo quarto, depois me sento na cama. Abro um pacote de bolachas e um suco de maçã que comprei essa tarde. O suco está delicioso, e sinto que os músculos do corpo todo relaxam, que meu peito fica oco e que minha mandíbula treme. Afundo a cabeça no travesseiro e me ponho a chorar até pegar no sono.